

Uma vida para Cleona



PHILOMENA PEREIRA ficou olhando para o pediatra, espantada demais para falar. Pouco tempo antes tinha sabido que sua filhinha de 1 mês, Cleona, era portadora de grave malformação cardíaca. Sua única esperança era ser submetida imediatamente a uma séria operação, depois a outra, quando tivesse 2 anos, e, provavelmente, a uma terceira, alguns anos depois. As intervenções, cujo custo rondava várias centenas de milhares de rupias, eram extremamente arriscadas. «Você tem três outras filhas», lembrou suavemente o médico a Philomena. «Se gastar tanto com esta bebê, como poderá criar as outras?» Mas seu único pensamento era sal-

Philomena Pereira estava decidida a salvar a filha. E, com a solidariedade de parentes e amigos em Goa, Bombaim e Londres, conseguiu.

MOHAN SIVANAND

var sua querida filhinha.

Philomena tinha-se dado conta de que nem tudo corria bem com Cleona pouco depois de seu nascimento, no dia 4 de outubro de 1990. Os lábios, as solas de seus pés e as palmas das mãos da bebê eram azulados; ela se mostrava incapaz de respirar quando mava e seus movimentos eram lentíssimos.

O pediatra descobriu que Cleona tinha um ritmo cardíaco ligeiramente irregular, bem como um sopro cardíaco. Mas como eram necessários mais exames para determinar qual a real gravidade do problema, pediram a Philomena que voltasse lá com a filha passado um

mês. Mas ela não imaginou que o diagnóstico fosse tão grave.

Philomena estava consciente do fato de nem sequer dispor de parte do dinheiro necessário, nem mesmo para a primeira operação. Seu marido, Cyril, capataz de obra em Bombaim, tinha acabado de conseguir emprego depois de 9 meses sem nada para fazer, e a poupança da família estava praticamente a zero. Apesar disso, Philomena sentiu que tinha de ser corajosa. «Vou arranjar o dinheiro, seja como for», jurou ao médico. «A Cleona tem de viver. Quanto às minhas outras filhas, a gente há de se arranjar.»

Em casa, porém, ao contar a Cyril as terríveis notícias, ela desmontou. Expôs o melhor que pôde o problema a Clarissa, de 8 anos, a Cynara, de 6, e a Cassandra, de 4. «Temos de pedir a Jesus que tome conta de Cleona, nossa bebê», disse ela. «Temos de rezar por um milagre.»

A 8000 km de Bombaim, no bairro de Tooting, em Londres, a Dra. Mary Carvalho, clínica geral britânica de 48 anos, e seu marido indiano, David, tinham pensado em Philomena. A irmã de David, Lucy, era amiga de infância dela, e quando David e Mary haviam visitado Goa, logo a seguir a seu casamento, em 1978, Philomena tinha levado Mary para conhecer as praias e os templos pitorescos dali. Ao longo dos anos, as duas mulheres estreitaram aquela amizade, e, durante sua última viagem à Índia, em abril de 90, Mary sugerira a Philomena que fosse visitá-los na Inglaterra um dia.

«Inglaterra!», suspirou a amiga, que sempre se tinha sentido fascinada por aquele país por sua paixão pela literatura inglesa. «Isso nem em meus sonhos mais loucos...»

Nessa altura, Philomena estava grávida, e tanto Mary quanto David se sentiam surpresos por ainda não terem recebido notícias sobre a bebê. Philomena fazia 40 anos no dia 2 de dezembro, pelo que Mary lhe enviou um cartão no qual lhe pedia notícias do novo membro da família.

Philomena decidiu-se então a confiar na amiga. «A Mary é médica», raciocinou. «Vai compreender o problema de Cleona.» Respondeu-lhe sem demora, juntando cópias dos exames médicos da filha. «Não sei o que fazer», confessou.

Através dos exames, Mary ficou sabendo que Cleona tinha nascido com as posições de suas duas maiores artérias cardíacas trocadas. Em resultado disso, grande parte do sangue não lhe chegava aos pulmões para ser oxigenado. Ansiosa por ajudar a amiga, Mary ligou para o Real Hospital Nacional Brompton de Coração e Pulmões, de Londres, um dos melhores centros de tratamento cardíaco da Grã-Bretanha, e o Dr. Elliot Shinebourne, membro da equipe médica do hospital, lhe disse que hoje os chamados «bebês azuis» com o problema de Cleona ficavam curados com uma única operação. Mas se Cleona fosse transportada para a Inglaterra, informaram, a diária do hospital, os exames, a intervenção cirúrgica e o tratamento pós-operatório não iriam custar menos de

10 000 libras esterlinas, uma vez que a bebê não teria direito de se beneficiar do seguro do Serviço Nacional de Saúde britânico.

Encantada com a idéia de que Cleona poderia curar-se, Mary sentou-se com David e Louise, a filha de 8 anos do casal. «Temos de ajudar a Philo», disse. «Vamos mandá-la vir, a ela e à bebê, para a operação se realizar aqui.»

Mas David, mecânico de automóveis e homem com os pés na terra, não via como conseguir um montante tão elevado em tão pouco tempo. «Não devemos dar falsas esperanças a Philo», avisou. «Seria cruel.»

«Se não as mandarmos vir, Cleona sem dúvida morre», contestou Mary. «Podemos conseguir o dinheiro com nossos amigos, na escola, na igreja. Por favor, temos mesmo de tentar.»

David acabou concordando que talvez fosse possível, mas só se investigassem as possibilidades reais da coleta de fundos antes de comunicarem seu plano à Philo. Por onde iniciar? Mary, David e Louise começaram por fazer uma lista de todas as organizações e pessoas que, segundo pensavam, poderiam ajudar. A Escola Primária Santo Anselmo, onde Louise estudava; a Comissão Permanente das Associações Goezas (sigla, em inglês, SCOGO), em Londres; vizinhos de quem eram amigos; alguns dos pacientes de Mary; amigos e membros da família; lojistas de Tooting; um jornal local.

A escola parecia a possibilidade mais promissora. Mary fazia parte

da Associação de Pais há dois anos e além disso era amiga do diretor, Tom Gately. Para alegria da médica, este se entusiasmou com a idéia. Sugeriu que a melhor forma de conseguir dinheiro seria através da promoção de 10 minutos de «silêncio patrocina-



Philomena Pereira e Mary Carvalho com Cleona após a operação.

do» no átrio da escola. «Poderíamos cobrar um mínimo de 10 *pence* por minuto», calculou ele, «e, se todas as crianças e professores conseguissem pelo menos 10 patrocinadores, deveríamos conseguir reunir cerca de 2000 libras.»

Para pôr as coisas em andamento, Gately afixou uma foto da família de Philomena no painel de avisos da escola. Depois, falou às crianças sobre Cleona. «Ela é uma bebê num país distante que está precisando de nossa ajuda», explicou.

Após uma pausa, prosseguiu: «Talvez não consigamos salvá-la, mas temos de fazer o possível.»

As palavras comoventes do diretor tocaram as crianças. A escola

preparou impressos de patrocínio e distribuiu-os pelos alunos. No final do ano, choveram contribuições de familiares e amigos. Por seu lado, o jornal *Balham & Tooting Guardian* tinha publicado um artigo sobre Cleona, e as contribuições de obras de assistência locais e de residentes da zona já haviam começado a aparecer. Demasiado aflita para esperar mais, Mary telefonou à amiga no dia 5 de janeiro.

«Queremos mandar vocês virem — você e a Cleona», disse cheia de vibração, e descreveu o esforço que estava sendo realizado para levantar o dinheiro. «Ainda não atingimos nosso objetivo», admitiu, «mas o melhor é você começar a tratar de seu passaporte e da papelada. Philo...? Você está me ouvindo?»

Ter-se-ia o telefone desligado repentinamente?

«Estou..., estou, sim...», pronunciou a indiana. «Só não consigo é acreditar que seja verdade.» Depois de meses de miséria, ela se sentia invadida por uma onda de esperança. «Mary», gaguejou, «como poderei agradecer-lhe uma coisa assim?»

«Que amiga maravilhosa!», pensou Philomena ao pousar o fone no gancho. Sentiu-se então invadir por uma determinação firme. «Também vou arranjar dinheiro», jurou.

No dia 15 de janeiro, o dia do «silêncio», muitas das crianças do Santo Anselmo haviam conseguido mais de dez patrocinadores; Louise, por exemplo, obtivera 23. No fim dos 10 minutos, Gately, sorrindo abertamente, anunciou que tinham junta-

do quase 2000 libras. Todo mundo aplaudiu e deu vivas.

As contribuições para o «Fundo da Bebê Cleona» criado por Mary também provinham de associações goesas. Dois dos pacientes da médica organizaram sorteios em bares locais. Susan Milan, flautista britânica de renome, e Ian Brown, pianista famoso, deram um concerto beneficente. Um amigo de David fez a ronda dos lojistas indianos de Tooting, abordando ex-colegas da empresa onde trabalhava. «Vamos lá, gente», ponderava. «Vocês desperdiçam tanto dinheiro em cerveja e cigarros... Por que deixariam de dar 5 libras para uma criança doente?»

Em Bombaim, os Pereira também se movimentavam. Cyril e um vizinho prepararam um apelo para ser lido em sua igreja de S. Pedro por frei Benji, o pároco, a seguir a cada missa de domingo, e os paroquianos começaram a contribuir com pequenas quantias.

Como tinha muitos parentes em Goa, Philomena decidiu ir até lá e pedir-lhes auxílio. Antes de sair de Bombaim, mandou à mãe um casete gravado, em que lhe falava do problema de Cleona. Os irmãos e as irmãs de Philomena, bem como seus tios e tias, choraram ao ouvir a gravação e deram-lhe cerca de 25 000 rupias.

A medida que o estado de saúde de Cleona começava a ficar conhecido pela comunidade goesa de Bombaim, muitas das pessoas que a integravam começaram a aderir à causa. Denis Lobo, banqueiro aposen-

tado oriundo da mesma aldeia goesa de Philomena, e sua mulher, Ailisa, conseguiram recolher mais de 8500 rupias. Amigos e vizinhos hindus dos Pereira também contribuíram. Sushma Vaidya, uma jovem vizinha que dava lições particulares a crianças em idade escolar, conseguiu reunir 5000 rupias dos pais de seus alunos. Subhash Kulkarni, um velho advogado seu vizinho, acompanhou Philomena ao departamento de emissão de passaportes, tendo convencido os funcionários a emitirem um rapidamente.

Apesar de toda a ajuda, Philomena teve muitas vezes de resolver seus problemas sozinha. Quando o passaporte que lhe tinha sido prometido não chegou, ela teve de andar de um lado para o outro entre o departamento de emissão de passaportes e os escritórios do CID, afastados vários quilômetros. Felizmente, J. P. Shelar, o inspetor de polícia do CID responsável por seu caso, se apiedou dela. Depois de Philomena o ter posto a par do que se passava com Cleona, Shelar prometeu fazer o máximo por ela. «Volte aqui amanhã», pediu.

No dia seguinte, o inspetor entregou-lhe os documentos necessários e em seguida passou-lhe um envelope com 900 rupias. «Nosso pessoal doou isso para sua filha», explicou. «Faça boa viagem. Estamos todos rezando por você.»

Em meados de fevereiro, os Carvalho já tinham garantias para mais de 8000 libras, e Mary telefonou à amiga para lhe dar as boas novas.

«Se você marcar a consulta no hospital, trato já da passagem aérea», replicou Philomena alegremente.

A partida de Philomena estava marcada para o dia 25 de fevereiro. Ao se instalar em seu jumbo no aeroporto de Bombaim, o homem a seu lado perguntou à hospedeira se poderia trocar de lugar. «Ele não quer viajar junto de uma bebê», pensou Philomena.

«Vai para Nova York?», perguntou-lhe ele.

«Não, para Londres», respondeu ela. «Minha filha precisa ser operada.»

Enquanto lhe explicava o problema, a hospedeira voltou e informou ao passageiro que havia arranjado outro lugar para ele.

«Deixe estar», respondeu-lhe o homem, «vou ficar aqui mesmo e tomar conta desta bebê. Sou médico.»

Philomena sentiu um enorme alívio. «Uma escolta médica enviada por Deus. Agora nada pode correr mal.»

Depois de deixarem as malas em Tooting, Mary conduziu Philomena e Cleona direto para o Hospital Brompton. O cirurgião, Dr. Shinebourne, examinou a menina e comunicou a Philomena: «Normalmente, fazemos esse tipo de cirurgia quando o bebê tem 2 ou 3 semanas. Cleona já tem quase 5 meses, e com essa idade é muito mais arriscado. Só lhe posso dizer concretamente se posso ou não operá-la depois de realizar alguns exames.»

Os resultados foram felizmente favoráveis, mas, como naquele hos-

pital é normalmente dada preferência aos pacientes do Serviço Nacional de Saúde, o cirurgião cardíaco consultor, Christopher Lincoln, não pode indicar data certa para a intervenção. Porém, o Hospital Brompton dispunha da melhor equipe médica e das melhores condições para tratar Cleona, e Mary e Philomena decidiram esperar.

Alguns dias depois, mãe e filha visitaram a Escola de Santo Anselmo. Excitados, os alunos amontoaram-se em volta da bebê, querendo tocar e pegar nela. «Quanto tempo demorou a viagem de Bombaim até Londres?», perguntou uma das crianças. «A Cleona vai ficar boa depois da operação, não vai?», quis saber outra.

John Walton, um garoto de 8 anos que tinha enviado a Mary um berço, perguntou ansiosamente: «Cleona dormiu no meu berço?»

«Claro que sim», sossegou-o Philomena; «ele é lindo.» John impou de orgulho. Outros residentes em Tooting tinham enviado brinquedos e agasalhos.

Um dia, bem no fim da tarde, Mary entrou no quarto de Philomena e, lançando um olhar para Cleona, gelou. «Alguma coisa não está bem», disse. «Ela está azul demais!» Ligou então para o Dr. Shinebourne, e este a aconselhou a levarem Cleona imediatamente para o hospital para ser examinada.

A criança foi operada no dia 12 de março. O Dr. Lincoln e sua equipe demoraram seis horas para proceder à «troca de artérias» em seu minúsculo coração. Mais tarde, na UTI, Philomena teve um choque ao ver a quantidade de tubos a que a filhinha estava ligada, mas depois sua expressão se iluminou. «Repare, Mary», exclamou. «Ela já não está azul! Está cor-de-rosa.» As duas mulheres se abraçaram chorando.

Pouco tempo depois da operação, Cleona recebeu um gigantesco cartão com desejos de melhoras assinado por toda a escola. E na reunião especial promovida mesmo antes de a bebê e sua mãe voarem de volta a Bombaim, tanto Philomena quanto Tom Gately agradeceram a todos por terem-na ajudado a ficar boa. «Vejam como agora esta criança está tão ativa», chamou a atenção o diretor.

Desde seu regresso a casa, em julho de 91, Cleona tem crescido como uma criança normal e saudável. Os médicos do Hospital Brompton estão extremamente satisfeitos com sua evolução. Os exames que continuam a ser realizados por um cardiologista de Bombaim são encorajadores, e todos os médicos estão confiantes de que não será necessário Cleona voltar a ser operada.

Em julho de 93, aquela criança inteligente e viva, de 3 anos, entrou para um jardim-de-infância.

FOTOS: PÁGINA 89, BRIAN DE SOUZA; PÁGINA 91, DAVID CARVALHO

O INTERESSE indaga; o amor preocupa-se.

— Félix Leclerc, *Dernier Calepin* (Les Nouvelles Éditions de l'Arc, Montreal)